

EVA ALTERMAN BLAY

O BRASIL COMO DESTINO

Raízes da imigração judaica contemporânea
para São Paulo

2ª edição

imprensaoficial
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO


editora
unesp

SUMÁRIO

Apresentação à segunda edição.....	11
Apresentação à primeira edição.....	15
I. UMA HISTÓRIA OCULTA	
Introdução	21
Em busca das raízes	27
O período colonial	29
II. A HISTÓRIA TRAZIDA	
A imigração contemporânea: séculos XVIII e XIX.....	37
Os historiantes	38
Judeus na Europa Oriental.....	41
Romênia (Valáquia, Morávia, Transilvânia, Galícia e Bessarábia)	41
Polônia.....	55
Rússia.....	65

III. BRASIL: O FUTURO CONSTRUÍDO

Trajetórias	99
Presença judaica e a questão étnica	104
A memória.....	105
Que historiastes procurar?.....	106
São os judeus estrangeiros?.....	109
As primeiras famílias em São Paulo.....	111
Família, memória, relações de trabalho	111
A comunidade judaica de Franca	113
Industrialização: bens de consumo, empresas familiares.....	117
As soluções matrimoniais vieram na bagagem cultural e religiosa.....	124
De como um jovem imigrante se insere na vida brasileira	139

IV. DO PASSADO AO PRESENTE

Viver no Brasil	167
Armando Kaminitz, nascido em Jerusalém.....	168
Professor Jacob Levin	175
Shalom Bornstein: o sonho e o perigo	185
Berko Sapoznik e a Revolução de 1917	191
Construímos São Paulo	197
Sinagogas-escolas	197
Kehilat Israel: a primeira sinagoga de São Paulo.....	198
A segunda sinagoga: Talmud Torá	202
Reforma da sinagoga da Newton Prado.....	204
Sinagoga Israelita do Brás	207
A construção do Templo Beth-El.....	210
Sinagogas continuam sendo construídas em São Paulo	213
A sinagoga dos húngaros: Sinagoga Israelita Paulista.....	216
Sinagogas sefarditas: Mooca, Centro, Penha, Higienópolis.....	217
Mulheres e judaísmo	225
Annita Lichtenstein Kertzman: solidariedade na família e para com os novos imigrantes.....	226
Betty Lafer: professora.....	231
Ema Gordon Klabin: uma mecenas	235

Gênero e política: dos deportados à política conservadora.....	245
A política como trabalho e o trabalho como política	245
Genny Gleizer e Motel Gleizer: dois judeus deportados na década de 1930 ...	249
Velvel e Rifca Gutnik.....	254
Tuba Schor: o Brasil na trajetória do Partido Comunista	264
Suzana Frank, secretária de Estado	269
Maria Wolfenson: contadora	285
Fanny Hidal Rubinstein: a mais antiga.....	295
Madame Rosita e a alta-costura paulista	302
Abrão Wroblewski: confeitiro.....	307
Mario Jacob Schinigue, garçom de profissão	313
Moisés Dejtjar: um homem de múltiplas profissões e participação política	315
Identidade: política, cultura, religião.....	335
Mario Schenberg: “Não sou judeu”	336
Abraão Brickman: catolicismo x judaísmo	344
David Rosenberg: “judeus sem dinheiro”	350
Júlio Aizenstein: a corporação médica e os estrangeiros	354
Tatiana Belinky: uma artista.....	356
Miguel Siegel: um discreto engenheiro na metalurgia paulista	368
Brasil, terra de imigração	375
Ignacy Sachs: um brasileiro itinerante.....	375
Khäte Schwarz: uma cientista no Brasil	386
Rômulo Bondi: um nobre judeu italiano.....	394
Leizer Barras: médico	404
No meio do caminho.....	411
Referências bibliográficas	419

APRESENTAÇÃO À SEGUNDA EDIÇÃO

Para Sophie e Olivia, amadas netas

Nos anos 1980 decidi encontrar respostas a indagações a que, embora judia, não encontrava respostas: o que significava ser judeu e o que era ser judeu no Brasil? Não se tratava apenas de conhecer a origem de minha família, que, aliás, pouco falava sobre o assunto, mas queria saber mais, entender como se constituía a chamada “comunidade” judaica brasileira.

Naquela época, ao recuperar as memórias do povo judeu brasileiro, eu não tinha noção do tempo cronológico; pensava entrevistar mulheres e homens com 60 anos ou mais, essa era a idade dos meus pais e eu, como filha, me imaginava jovem. Agora retomo a publicação dessa pesquisa, porém, pensando em vocês, minhas netas! Momentos diferentes no tempo, é verdade. Mas iguais nas questões que ainda buscam respostas: quem somos, de onde viemos, o que o Brasil significa para nós e o que significamos para o Brasil? Persiste, pois, o antiquíssimo problema: compreender nossa identidade.

O mundo depara continuamente com problemas imigratórios. Em navios, barcos ou a pé, pessoas tentam sair de suas terras à procura de outras. Empurradas por guerras, pobreza, perseguição política, têm de buscar novas moradas. As histórias que

coletei contam os mesmos drásticos problemas: obrigadas a deixar suas casas, escolas, cemitérios, a língua falada, e construir o que fosse possível. Sempre me espantava como conseguiram fazer tudo isso.

Os caminhos que seguiram estão nas histórias aqui relatadas. O que descobri foi além da superação da vida material; eles e nós participamos de complexas etapas da criação de um país, um novo mundo. A gênese desse encontro foi tensa, criaram-se contradições na relação “nós” com “eles”, nós que chegamos e eles que teoricamente já estavam aqui.

E fomos nos descobrindo: o “nós” não é uma unidade e sim um conjunto diversificado. Percebi concretamente que não era parte do “eles” quando ouvi de colegas da escola e mesmo da universidade frases que me colocavam como “vocês”. E eu me indagava: “Vocês... quem, cara-pálida? Então não sou igual a você?”.

É um verdadeiro trauma quando nos situam como “diferentes” na terra que a gente considera nossa! Como entender, depois de quinhentos anos de imigração judaica, depois das várias levas de judeus que chegaram nos últimos séculos no Brasil, a persistência dessa pergunta? Atualizo a questão ao tomar como exemplo um artigo recém-publicado na revista do clube Hebraica, com um brilhante jornalista esportivo. Perguntava-se a ele se tivera uma “relação próxima com a comunidade, se estudara em escola judaica... etc.”. Ele entendeu perfeitamente que por comunidade se referiam à comunidade judaica, ao que respondeu: “Sou judeu e nunca fiz questão de esconder, muito pelo contrário!...”. E a seguir completou: “Uso o espaço que tenho na mídia e nas minhas mídias sociais sempre para divulgar o judaísmo e Israel! Mostrar as coisas boas, o bom humor e jamais ter vergonha de se [sic] posicionar e assumir publicamente que sou judeu! É motivo de muito orgulho!”.

Essas respostas atualizam o centro do problema que eu encontrara há quatro décadas: por que é necessário afirmar-se como judeu? Por que o entrevistado pressupôs que ser judeu poderia ser interpretado como uma “vergonha”?

Daí por que quero reimprimir este livro onde estão as respostas à origem de tais preconceitos. Como seres humanos somos todos iguais, e como humanos somos todos diferentes: nas crenças, nas línguas, na política, na ideologia, no gênero. É preciso explicar a diversidade do povo judeu e a persistência das diferenças entre uns e outros. Existe um passado cultural que aproxima os membros das diversas comunidades ju-

daicas. Somos tão diferentes e tão iguais. Não farei um rol das identidades, muitos já o tentaram e não o conseguiram. Não importa. É mais fácil que afinidades despontem quando ouvimos cantos nas sinagogas, sentimos o cheiro da comida, ou lemos uma história que lembra a nossa. Identificamo-nos na desconfortável sensação de sermos tratados como diferentes. As diferenças não são ocasionais, elas provêm de uma longa história comum. No Brasil e nos países católicos, ela se perpetua no ritual da acusação pela morte de Jesus, no passado distorcido ensinado nas escolas, nas encenações antissemitas do folclore, nas caricaturas. Não é por acaso que se incute um sentimento de culpa e vergonha entre os judeus. Só meu herói literário Amós Oz pode explicar com palavras o que tento mostrar aqui através dos fatos relatados.

Esta coleção de histórias de vida ilumina a constituição contemporânea, revelou a comunidade judaica, como chegaram os judeus ao Brasil no fim do século XIX e antes da Segunda Guerra Mundial. Foram empurrados como a maioria dos imigrantes pelos mesmos motivos e sempre buscaram a tão desejada paz. Trabalharam, educaram os filhos e filhas. Eu só vim a descobrir a extensão do antissemitismo e as perseguições pela fala dos entrevistados, pela literatura, nunca pelos meus pais ou parentes próximos. Entendo por que agiram dessa maneira, possivelmente para que tivéssemos um começo mais fácil. Hoje, ao contrário, acho que saber é uma qualidade que nos torna mais fortes.

Por isso, minhas queridas, nossa história pessoal faz parte do conjunto das histórias aqui contadas, da força que todos eles tiveram ao se fixar e compartilhar na construção do Brasil.

Eva
São Paulo, 2019

APRESENTAÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Depois de quase três décadas de trabalhos sempre pensando e coletando dados sobre a imigração judaica para o Brasil, é quase impossível agradecer a todos e todas que partilharam desta infindável busca. Ganhei muito ao conhecer pessoas interessadas no tema, que o tinham pesquisado de diferentes maneiras no Brasil e em outros países. Conhecer o que se passa em nossa casa pela perspectiva do outro impõe o relativismo, exclui visões etnocêntricas.

A Fapesp me permitiu um pós-doutorado em Paris na École des Hautes Études en Sciences Sociales, onde fui recebida de forma extraordinária por Ignacy Sachs. Todos, na École, me ofereceram total apoio, e Afrânio Garcia somou muito carinho. Fazer o trabalho de que se gosta e privar do ambiente da École foi um dos momentos mais significativos de minha vida. Lá tive o privilégio de encontrar Fredrik Barth, que foi generoso me incentivando no caminho a seguir. Victor Karady pôs à minha disposição toda a bibliografia que tinha coletado sobre a questão judaica. Visitei Estrasburgo, onde o professor Freddy Raphaël me fez ver concretamente a forma como a Igreja católica diabolizava os judeus.

Por várias vezes tive de interromper esta pesquisa para escrever outros livros. Sempre voltava a ela, pois parecia que meus historiantes¹ aguardavam a devolução das

1 Historiante, aquele que conta sua história. Termo criado por Maria Isaura Pereira de Queiroz (1989).

histórias que tinham contado. Mal sabiam eles que não seriam suficientes os artigos, nem as apresentações em congressos, nem o vídeo e nem mesmo este livro. Mas, aos poucos, estamos nos aproximando do que pretendíamos.

Ao longo deste tempo, muitas vozes se calaram. Entre elas a de Cecília Abramczyk e a de Elka Frost, amigas, companheiras, colaboradoras criativas e generosas. Sem a poesia de Cecília, tudo ficou mais árido. A modesta persistência de Elka foi insubstituível.

Novas pessoas se incorporaram ao projeto. A jovem estudante Ana Luisa Campanha Nakamoto, meu braço direito, foi insuperável na edição e organização do acervo fotográfico coletado e composto por mais de quinhentas fotos.

Tive o privilégio de contar com uma discreta e competentíssima colaboradora, que menciono pelo respeito às falas dos historiantes que transcreveu: Rose Genevois. Estou certa de que, se vivos, eles agradeceriam o respeito que ela revelou por eles.

Nancy Rosencham fez mais do que ler uma das versões finais deste livro: crítica severa, corrigiu com generosidade os erros e me obrigou a escrever mais e mais.

Duas companheiras que desde o início participaram da pesquisa não me deixavam esquecer que eu tinha de vencer os períodos de inércia, talvez pelo medo de tarefa tão significativa. Celia Rubinstein Eisenbaum e Roberta Alexandre Sundfeld (esta com uma bolsa de iniciação científica da Fapesp) são as colaboradoras que todos nós queremos ter. Amáveis, críticas, incansáveis. Cada vez que eu desanimava, elas continuavam o trabalho e me obrigavam a retomá-lo. O estímulo de Celia e Roberta foi precioso. Com elas compartilho a obra.

As competentes pesquisadoras Fulvia Leirner e Betty Loeb Greiber (esta com bolsa de iniciação científica para estudar a família Klabin) enriqueceram a coleta de dados e o acervo fotográfico. Boris Kossoy, extraordinário fotógrafo, foi o primeiro a me dar uma mão para reproduzir as fotos coletadas e ensinar como catalogá-las e armazená-las.

A Fapesp e o CNPq são mais do que instituições. Apoiaram este e outros trabalhos ao longo dos anos, nunca deixando faltar recursos para bolsistas, equipamento e reconhecimento. Isso fez e continua a fazer enorme diferença. Vai permitir novos livros e textos relativos ao enorme acervo coletado sobre a presença dos judeus no Brasil contemporâneo.

Espero o perdão daqueles historiantes que terão de esperar mais tempo para que novas obras venham se somar à atual.

Mais uma palavra: alguém que está sempre presente leu a primeira versão e é coautor deste livro. Meu marido, Julio Blay.

INTRODUÇÃO

A presença dos judeus no Brasil não é, em geral, encontrada na historiografia brasileira. Nos livros escolares, nos compêndios universitários, não há vestígios desta presença. Faça-se justiça a Carneiro da Cunha, que na *História geral da civilização brasileira* (Holanda, 1977, p.33-4) incluiu algumas indignadas linhas contra o papel usurpador do Santo Ofício, interessado nos “cabedais a serem confiscados” dos judeus, e contra a Inquisição, que, em 1713, condenou em Lisboa 32 homens e 40 mulheres do Rio de Janeiro.

Várias hipóteses podem ser aventadas para explicar a ausência até o fim do século XX de estudos sobre imigrantes no Brasil – exceção feita a raros estudos sobre italianos e japoneses.¹ Intelectuais, sociólogos e historiadores demonstravam constante preocupação em definir a identidade brasileira.² Ao confundir identidade com homogeneidade cultural,³ desprezaram as diferenciações internas e a pluralidade cultural e étnica do

1 Dentre os estudos sobre imigração italiana, destaco Ângelo Trento (1989). Sobre imigração japonesa, cabe citar as obras de Hiroshi Saito (1973), Arlinda Nogueira (1971) e Ruth Cardoso (1972; 1984).

2 Assim, nem mesmo uma tese do final da década de 1970 (Vasconcellos, 1977) sobre o movimento integralista que tomou por base a obra de Gustavo Barroso examinou os livros antissemitas dele; ignorou-os, como se fossem irrelevantes para a compreensão do pensamento do membro da Academia Brasileira de Letras.

3 Ver os importantes estudos de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1971, 1979) sobre as várias correntes precursoras da Sociologia brasileira.

Brasil. Além disso, as ciências humanas, ao adotarem o critério racial para abordar a população brasileira, dividiram-na em três categorias – branca, negra e indígena –, encobrendo as diferenças internas dos diversos grupos étnicos.

Os judeus, embora ignorados, tornaram-se objeto de ampla polêmica na década de 1930. Com a emergência do integralismo no país e as simpatias de Getúlio Vargas pelo nazifascismo, instalou-se entre os intelectuais uma discussão sobre a presença dos judeus no Brasil. Liderada pelo acadêmico Gustavo Barroso, editaram-se, além das suas, obras antissemitas. Barroso não estava sozinho; a ele se juntaram vários escritores, como Arci Tenório D’Albuquerque (1935; 1937; 1941), Luis Amaral (1948), Antonio Campos de Camargo (1935) e José Felici de Castilho (s.d.). Barroso também traduziu obras antissemitas de Isidore Bertrand (1938), bem como *O judeu internacional* (1938), de Henry Ford, além de divulgar e comentar o apócrifo *Protocolos dos sábios de Sião*.⁴ Nem por isso deixou de ser aclamado como imortal pela Academia Brasileira de Letras.

São obras crivadas de preconceitos e acusações contra “os judeus”. Para os integralistas, “todos os judeus” eram muito ricos e “todos” eram comunistas; “todos” eram Trotski e “todos” eram Rockefeller, no feliz dizer de Maio (1992); “todos” eram incapazes de se assimilar aos países onde viviam, “todos” só queriam dominar o mundo, e assim por diante. Essas acusações eram extremamente perigosas num momento em que os judeus tentavam arduamente sair da Europa já dominada por Hitler e quando o Brasil era governado por Getúlio, simpático aos nazistas.

Procurando desmistificar tais acusações, intelectuais judeus e não judeus passam a publicar livros. Numa coletânea, Uri Zwerling (1936, p.5) reúne intelectuais brasileiros a fim de “fazer justiça ao elemento judeu como factor da realidade brasileira”. Nela, Rodolfo Garcia e Solidonio Leite Filho escrevem sobre a presença de judeus no Brasil desde 1502, quando a Coroa arrendava terras a cristãos-novos, que deveriam mandar seus navios para descobrir, todos os anos, 300 léguas.⁵ Preocupado em registrar a participação dos judeus na formação brasileira, o editor Zwerling publica curtíssimos extratos de Paulo Prado e Gilberto Freyre, que registraram a presença de “cristãos-novos em Piratininga e no Recife respectivamente”. Inclui Roquette-Pinto, que, em duas páginas, reproduz os “sinais da suspeição” que o Santo Ofício indicava para denunciar os suspeitos de praticar a fé judaica e que deveriam ser punidos com a morte.

4 Benefício-me na indicação desta bibliografia da excelente publicação de Margulies (1974).

5 Carta de Piero Rondinelli, de Sevilha, 3 out. 1502, divulgada na *Raccolta Colombiana* (Zwerling, 1936, p.3).

Agripino Grieco relembra “Maylasky, um judeu que serviu ao Brasil”, mas deixa muitas dúvidas para o leitor graças à exacerbada ironia e preconceito⁶ de seu texto. O tom se altera radicalmente no capítulo de Evaristo de Moraes – em “Judeus sem dinheiro”, compara as condições de pobreza dos imigrantes judeus norte-americanos, descritas por Michael Gold (1934), com as difíceis condições de vida dos imigrantes judeus, homens e mulheres, que chegavam ao Rio de Janeiro. Moraes descreve o duro trabalho dos vendedores à prestação que para atender seus clientes caminhavam quilômetros, bem como a pobreza que levava judias à prostituição e aos cáftens que as exploravam. Arthur Ramos (1936) invoca as novas teorias da psicologia social para explicar “o sentimento de inferioridade” e de isolamento dos judeus. Para ele, esses sentimentos resultariam da opressão perpetrada pelas maiorias étnicas, exceto, é claro, no Brasil, cujo povo é “democraticamente mestiço, na biologia, na psicologia, na sociologia”.

Para os judeus ameaçados na Europa pelo nazismo e no Brasil pelo integralismo, é alentador o capítulo de Afrânio Peixoto (1936) que encerra o volume de Zwerling. No texto, “Israel continuará”, argumenta que a persistência do povo judeu se deve a dois fatores: “a fé em si e o ódio dos outros”. Era uma corajosa declaração num período ditatorial. Era portanto necessário, naquele momento, mostrar que os judeus estavam no Brasil desde longa data, eram úteis ao país, trouxeram inovações e eram também ricos e pobres como todos os outros.

Azevedo Amaral e Samuel Wainer (1937) publicam no *Almanaque Israelita* um retrospecto da desconhecida história dos judeus e das condições sociopolíticas que produziram imagens preconceituosas: Amaral associa a emergência do antissemitismo àqueles que combatem a liberdade de pensamento, impõem a censura prévia à imprensa e ao livro, e opõem-se à ciência. Faz um longo estudo sobre o pensamento grego e hebraico, o surgimento do cristianismo, a contraposição entre o poder do Estado e o da Igreja, para mostrar a importância da contribuição dos judeus ao pensamento filosófico e à ciência. Mais uma vez as acusações aos judeus são respondidas: Horácio Lafer afirma

6 Grieco refere-se a Luiz Matheus Maylasky, que, “nativo de Lemberg e certamente de procedência judaica, chegou a Sorocaba em meados do século XIX. Chegou de bolsa murcha e com jeito de vagabundo, de aventureiro romântico, tendo de recorrer à caridade dos monges beneditinos para não rebentar de fome. Ainda que sem carregar o violino e as melenas dos artistas ciganos, Maylasky atraiu a filha de um capitalista, e desposou-a num hábil cálculo aritmético, de quem nada sabia fazer sem muito boa escrituração mercantil...”. E assim continua, alternando elogios e suspeitas (Zwerling, 1936, p.88-9).